

O delegado está inerte. Balbucia palavras desconexas, misturando sentimentos com raciocínios lógicos e profissionais. Foi profundamente atingido em sua vaidade e masculinidade. “Por que ela mencionou a palavra assassino? Teria algum conhecimento que nem mesmo eu, o delegado de polícia, sei? Por que agiu daquela forma?”

Tiros no corredor da delegacia arrancam Prates do torpor em que se encontra e um policial invade a sala esbaforido.

- Delegado, os presos estão fugindo.

O alarme soa e os portões automáticos se movimentam. Anail está a poucos metros da saída e é barrada pelo enorme portão de ferro que se fecha a sua frente. O tumulto era grande, quando mãos fortes e mal cheirosas a agarram violentamente, impedindo-lhe de qualquer reação. Um revólver pressiona seu ouvido enquanto uma voz nervosa e rude lhe dá ordens.

- Fica fria gostosa, senão te mando para papai do céu. Entendeu?

Anail grita, mas não reage.

- Cala a boca dona ou furo tua cabeça. Fica fria! – vociferou.

O delegado e seus homens dominam os demais fugitivos e acorrem ao portão. Prates vê Anail abraçada por Chumbinho, o último detento ainda fora de controle. Ele a tem imóvel, o braço esquerdo envolto no pescoço da moça e o revólver apontado para a cabeça. Ela está estática. Prates percebe que os corpos estão colados e, sem reação, ela permite que Chumbinho a aperte. Prates se contorce de ciúmes e levanta a arma.

- Larga a dona ou eu atiro - grita, rodeado por seus policiais militares, todos apontando armas contra Chumbinho.

- Cai fora doutor. Abaixa a arma ou ela vai falar com Jesus. Eu vou, mas ela vai também – respondeu o preso.

- Eu mato os dois, mas você não sai daqui. – Prates perdia o controle.

Na rua, do outro lado do portão, um grupo de curiosos e a imprensa da cidade, *Rádio da Revolução*, *A Tribuna de Pílares* e a *TVer* – acompanham a conversa entre o bandido e a lei.

- Doutor, eu quero um carro do ano com o tanque cheio e a televisão

comigo para sair daqui. Sem carro e sem TV, eu e a madame vamos juntos para o inferno.

Anail sente os braços fortes de Chumbinho e o corpo dele apertando o seu. O braço envolto no pescoço torna difícil a respiração e o cotovelo do marginal lhe comprime os seios. Tudo é trágico, mas excitante. O cheiro do homem é forte. A respiração é ofegante e o hálito quente em seu pescoço dá-lhe a sensação de que ele está em pleno coito. Facilita a ação do forra-da-lei, apoiando as costas sobre o peito dele que não precisa fazer esforço para mantê-la na posição desejada. É submissa.

O corpo atlético de Chumbinho é proporcional e harmonioso. Se não fosse marginal, seria um homem de destaque entre as mulheres. É alto - 1,84 metros - espadaúdo, peito peludo, coxas firmes e formação intelectual nula. Cabeça vazia. Desde muito jovem tem os cabelos ondulados com coloração cinza, pendendo para o grisalho, o que lhe deu o apelido de Chumbinho. Registrado como José Antônio de Souza e filho de Dona Maria do Morro, sempre foi corajoso e brigão. Não conheceu o pai e aos doze anos entrou num reformatório pela primeira vez.

José Antônio não tinha escrúpulos desde menino. Nem com os amigos, nem com outros garotos que o provocavam ou lhe venciam em um jogo infantil, nem mesmo com a justiça e tampouco com as autoridades de uma cidadezinha como Pilares.

- Eu te dou o carro com o tanque cheio e você solta a moça. Eu vou no lugar dela - propôs o delegado.

- Nada feito. Ela vai comigo pra onde eu for. Se precisar, vai para o inferno, já falei! - O marginal fala com convicção.

Passados alguns minutos o delegado cede.

- Está bem, vou mandar trazer um carro com o tanque cheio.

- É assim mesmo que se fala, doutor - zombou Chumbinho. - Estou esperando ... E não esqueça da televisão. Ela e a moça vão comigo.

Acompanhado de um repórter e de um cinegrafista da TV local, carregando Anail com uma chave de braço no pescoço e o cano do revólver encostado na cabeça da moça, Chumbinho senta no banco traseiro do Vectra. O cinegrafista recebe ordens para sentar-se ao volante e o repórter ao lado do motorista. Chumbinho dirige-se ao delegado.

- Se alguém me seguir eu mato os três. Não quero carro da polícia atrás de mim.

Prates fixou os olhos nos de Anail interrogativamente, sem poder salvá-la e temeu pela sorte da mulher que tanto lhe atrai. Ela esboçou um sorriso zombeteiro e vingativo como se dissesse "com você eu não fico, vou

com ele”.

Prates rangeu os dentes.

- Merda!